

Cemitérios como fonte de pesquisa, de educação patrimonial e de turismo

Gessonia Leite de Andrade Carrasco*
Sérgio Castello Branco Nappi**

A noção de patrimônio cultural

O patrimônio cultural é uma fonte inesgotável para as ações que visem o desenvolvimento da pesquisa, da educação e da economia de uma cidade ou região. A economia, neste caso, está relacionada à identificação e ao aproveitamento das potencialidades turísticas de determinada localidade com vistas ao turismo cultural. Assim, é necessário ter uma noção de cultura e a de patrimônio para o entendimento da abrangência do conceito de patrimônio cultural. A Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 2005, p. 230) define no artigo 216, os elementos constituintes desse patrimônio:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I - as formas de expressão;
- II - os modos de criar, fazer e viver;
- III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Essa definição dá conta de um conceito abrangente da noção de cultura, em que patrimônio cultural, num enfoque antropológico, não apenas valoriza o produto do fazer humano, representado pelos bens materiais, mas também o processo, ou seja, “os modos de criar, fazer e viver”, representado pelos bens imateriais.

A noção de cultura material é marcada, segundo Bucaille e Peséz (1989, p. 26) pela sua distância em relação ao conceito de cultura, porque compreende os produtos e utensílios produzidos pelo homem, bem como os diversos tipos de técnicas, não considerando os aspectos simbólicos dessas atividades. Os autores explicam que “a Antigüidade só é acessível, em grande parte, através das fontes arqueológicas, fontes materiais que, pela sua própria natureza, fornecem mais informações sobre os aspectos materiais das civilizações do passado do que sobre os acontecimentos ou as mentalidades” (BUCAILLE; PESEZ, 1989, p. 26). Os autores afirmam, ainda, que as demonstrações baseadas apenas na cultura material

* Fundação Cultural de Joinville - FCJ; Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

** Universidade Federal de Santa Catarina; Doutor em Engenharia de Produção.

são insuficientes. Eles atribuem a esse fato, o interesse da antropologia pelos sistemas simbólicos e de representação, em que “juntando-se assim os parâmetros não materiais aos parâmetros materiais, o estudo das áreas culturais tornou-se mais rico e mais apurado” (BUCAILLE; PESEZ, 1989, p. 43).

Em síntese, entende-se por patrimônio cultural não apenas o resultado do fazer humano, mas também todo o processo que envolve esses fazeres e seus significados, ou seja, as formas de expressão humana em sua plenitude.

Patrimônio cultural, educação e turismo

A Carta de Turismo Cultural (INTERNATIONAL SCIENTIFIC COMMITTEE ON CULTURAL TOURISM, 1976) privilegia o patrimônio cultural material quando define que o turismo cultural é “aquela forma de turismo que tem por objetivo, entre outros fins, o conhecimento de monumentos e sítios históricos-artísticos”², entretanto, não há como dissociá-lo dos bens imateriais que, também, são referências nos roteiros turísticos. Exemplos consolidados são: o carnaval de Olinda, em Pernambuco, a festa do Divino em diversos lugares do país, a procissão do Senhor dos Passos, em Tiradentes e em Florianópolis, entre outros. Desta forma, o turismo cultural pode ser entendido como algo que vai “para além da pedra e cal”³ (FONSECA, 2003, p. 56-76) e se utiliza, também, “dos modos de criar, fazer e viver” (BRASIL, 2005, p. 230) como atrativos turísticos.

Segundo Abreu (2003, p. 81) a UNESCO na sua recomendação de 1993 apresenta um guia propondo que em cada país seja criado um sistema de “Tesouros humanos vivos” por considerar que os detentores do patrimônio imaterial constituem fontes de conhecimentos e que o “saber-fazer” seja transmitido às gerações seguintes. Essa é a proposta de reconhecimento oficial do “saber-fazer”, ou seja, é o reconhecimento não apenas do produto final, resultado do fazer humano, mas também, o processo de execução desse produto. A UNESCO, ainda, define, no mesmo ano, que patrimônio cultural imaterial ou intangível é

o conjunto de manifestações culturais, tradicionais e populares, ou seja, as criações coletivas, emanadas de uma comunidade, fundadas sobre a tradição. Elas são transmitidas oral e gestualmente, e modificadas através do tempo por um processo de recriação coletiva. Integram esta modalidade de patrimônio as línguas, as tradições orais, os costumes, a música, a dança, os ritos, os festivais, a medicina tradicional, as artes da mesa e o “saber-fazer” dos artesanatos e das arquiteturas tradicionais. (UNESCO apud ABREU, 2003, p. 81-82).

A Constituição Federal Brasileira de 1988 (BRASIL, 2005) contempla, nos termos da lei, o patrimônio cultural como um todo, ou seja, a Constituição permite uma conceituação abrangente de patrimônio cultural uma vez que define como seus elementos todos os bens materiais e imateriais. Esse reconhecimento ou valorização dos bens imateriais se dá efetivamente no Brasil, por meio do Decreto 3.551, de 04 de agosto de 2000, que “institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências” (BRASIL, 2000). Até então, os bens privilegiados para preservação pelos órgãos oficiais, na sua maioria, tratava-se de bens materiais, especialmente, os bens edificados.

Outro aspecto a ser abordado é a relação entre educação patrimonial e turismo para se estabelecer o conhecimento e o entendimento dos elementos que fazem parte do patrimônio cultural, em que a educação patrimonial pode ser uma ponte importante para as atividades de turismo.

O ensino das especificidades que envolvem o patrimônio cultural de cada lugar faz com que as pessoas deixem de ver o patrimônio apenas como objeto de contemplação,

² Embora a Constituição de 1988 defina patrimônio cultural de forma abrangente, na prática, a definição apresentada na Carta de Turismo Cultural (INTERNATIONAL SCIENTIFIC COMMITTEE ON CULTURAL TOURISM, 1976) está bem de acordo com o que se entendia por patrimônio cultural, ou seja, até os anos 1990, os programas voltados à preservação do patrimônio cultural privilegiavam, principalmente, o patrimônio edificado.

³ “Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural”, é o título dado por Maria Cecília Londres Fonseca, ao seu artigo em que discorre sobre a importância da preservação do patrimônio cultural, especialmente o imaterial, no Brasil (FONSECA, 2003).

mas também, como fonte de conhecimento, levando o turista a ter respeito pela cultura de outros povos, evitando os conflitos que levam ao embate entre “as pessoas de dentro (os nativos) e as pessoas de fora (os turistas)” (GIOVANNINI JUNIOR, 2001, p.153)⁴.

“L’espace de la mort”⁵

Os estudos referentes à temática da morte e à dos cemitérios são, segundo Borges, Santana e Bianco (2004), ainda incipientes. Isto porque a academia trata com certa estranheza a pesquisa relacionada ao assunto, e o resultado são produtos isolados.

Borges, Santana e Bianco (2004) afirmam que a história das mentalidades vem demonstrando como tem sido lenta a mudança de atitudes do homem diante da morte e cita dois estudos importantes sobre o assunto: o primeiro é a “História da Morte no Ocidente: Da Idade Média aos nossos dias”, do historiador Philippe Ariès (2003) que “aborda a história dos homens diante da morte, a partir de seus extremos: em seu condicionamento social, econômico e demográfico em tudo que resulta da ideologia, quer seja religiosa, cívica, filosófica, quer literária ou estética [...]” (BORGES; SANTANA; BIANCO, 2004). O segundo é “Histoires Figurales”, do historiador Michel Vovelle (1981), “que se deteve mais na arqueologia dos cemitérios urbanos dos séculos XIX e XX, nos epitáfios, nas comunicações de falecimento, nos testamentos, nos altares e retábulos das almas do purgatório. [...]” (BORGES; SANTANA; BIANCO, 2004).

É importante mencionar a obra intitulada “Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros”, composta em dois volumes, de autoria de Clarival do Prado Valladares (1972), que apresenta um estudo minucioso, com abordagem histórica e artística, acerca dos cemitérios brasileiros de interesse para o patrimônio cultural brasileiro.

Embora a literatura sobre o assunto seja incipiente, as obras existentes abordam a temática de forma abrangente.

Percebe-se, também, nessa literatura, especialmente nas obras produzidas no Brasil, que há uma dificuldade em adotar um termo para o monumento erigido sobre o sepultamento, que ora aparece como jazigo, ora como túmulo, entre outras denominações. Existem algumas tentativas de classificação nomeando essas construções; não há, entretanto, consenso. De modo geral, as obras produzidas na França utilizam o termo “tombeau”, ou seja, túmulo. Assim, utilizar-se-á o termo túmulo que melhor define o objeto deste estudo, tomando por referência a definição dada por Viollet-le-Duc (1867-1870). Em seu *Dictionnaire Raisonné de l’Architecture Française du XIe au XVIe Siècle*, Tome 9 (1870), entende-se por túmulo todo monumento erigido em homenagem ao morto sobre a sua sepultura ou como sepultura, seja ele um mausoléu, uma capela ou uma simples construção que indique o sepultamento. Segundo Viollet-le-Duc (1867-1870), de todos os monumentos, os túmulos são os que apresentam um vasto campo para os estudos da arqueologia, da etnologia, da história, das artes e da filosofia.

Vovelle (1993) explica que o lugar dos mortos se modificou significativamente no decorrer dos tempos. No século XIX, os cemitérios assumem grande importância no imaginário visionário dos arquitetos. É nesse período que surgiram os grandes projetos dos cemitérios urbanos, como são conhecidos hoje. São do início do século XIX os cemitérios centrais de Viena e de Estocolmo, bem como os cemitérios do *Père Lachaise*, de *Montmartre* e de *Montparnasse*, em Paris. Para o autor, os cemitérios são espaços de repouso privilegiado, sítios agrestes repletos de monumentos aptos a acolher todas as homenagens da memória familiar e do respeito cívico.

O cemitério pode ser considerado a segunda morada, onde o túmulo é a casa e o cemitério é a projeção de um quarteirão, de uma vila ou até mesmo de uma cidade. São nos cemitérios que se repetem os elementos arquitetônicos e paisagísticos presentes nas

4 Termos utilizados por Oswaldo Giovanni Júnior no texto “Cidade presépio em tempos de paixão: turismo e religião: tensão, negociação e inversão na cidade histórica de Tiradentes”. O texto trata de temas como a conservação do patrimônio cultural, experiência estética e religiosa, ocupação e disputa de espaços físicos (comércio e moradia), em virtude do turismo, turismo cultural e produção simbólica (GIOVANNINI JUNIOR, 2001, p. 149-174).

5 “L’espace de la mort” (O espaço da morte) é o título dado ao livro de autoria de Michel Ragon (1981) que discorre sobre a arquitetura, a decoração e o urbanismo funerário.

idades e onde se reproduz, de fato ou de forma idealizada, a ordem sócio-econômica dos vivos (RAGON, 1981, p.37).

No Cemitério do Imigrante, em Joinville, é muito comum se deparar com elementos arquitetônicos presentes na arquitetura tumular, reproduzidos de edifícios, especialmente do centro da cidade, onde ainda estão conservadas algumas edificações do passado. Esta referência é uma característica marcante nos cemitérios de forma geral.

Os cemitérios como patrimônio cultural

Os cemitérios, como patrimônio cultural, carregam valores que estão diretamente ligados aos bens materiais e aos bens imateriais.

Três importantes valores patrimoniais podem estar relacionados aos bens materiais. São aqueles de caráter ambiental/urbano, de caráter artístico e de caráter histórico.

O valor de caráter ambiental/urbano está relacionado aos espaços destinados aos cemitérios que, muitas vezes, estão inseridos nos núcleos históricos das cidades e representam espaços abertos que preservam suas áreas verdes. As fotografias 1 e 2 apresentam exemplos desse tipo.



Fotografia 1: Cemitério em Estocolmo.
Fonte: Carrasco (2000).



Fotografia 2: Cemitério do Père Lachaise, Paris.
Fonte: Carrasco (2002).

O valor artístico desses espaços está relacionado aos artefatos integrados à arquitetura tumular com função ornamental, pela sua riqueza de elaboração, especialmente, em ferro fundido e forjado, bem como ao mobiliário urbano e às obras de arte de artistas renomados ou não, como os que podem ser vistos nos exemplos mostrados nas fotografias 3, 4 e 5).



Fotografia 3: Grande Anjo, de Victor Brecheret, Cemitério da Consolação, São Paulo.
Fonte: Masini (s.d.)



Fotografia 4: Gradil em ferro forjado do Cemitério do Imigrante em Joinville.
Fonte: Arquivo fotográfico do Centro de Preservação de Bens Culturais (1999)



Fotografia 5: Elemento cruciforme em ferro fundido do Cemitério do Imigrante em Joinville.
Fonte: Arquivo fotográfico do Centro de Preservação de Bens Culturais (2006).

Quanto ao valor histórico, considera-se que é nesses espaços que repousam os restos mortais de pessoas, ilustres ou não, que contribuíram de alguma forma para a história da humanidade. São espaços de memória, onde as lápides registram dados importantes para a história - datas, nomes e epitáfios. Lima (1994, p. 90) diz que “em cada sepultura há números, nomes e datas que individualizam os mortos, permitindo a sua imediata classificação e localização, tanto no espaço quanto na escala social [...]”. A história da arquitetura local pode ser estudada no cemitério tradicional, uma vez que os padrões estéticos, materiais e técnicos da arquitetura da cidade são reproduzidos na arquitetura tumular. É possível, também, identificar empresas e artesões que deixaram registradas suas marcas nas obras realizadas nos cemitérios (Fotografias 6, 7, 8, 9 e 10).



Fotografia 6: Epitáfio sobre lápide de metal do Cemitério do Imigrante em Joinville.
Fonte: Arquivo fotográfico do Centro de Preservação de Bens Culturais (2006).



Fotografia 7 - Epitáfio sobre lápide de mármore do Cemitério do Imigrante em Joinville.
Fonte: Arquivo fotográfico do Centro de Preservação de Bens Culturais (1999).



Fotografia 8: Detalhe de gradil, indicando o fabricante "Otto [sic]" em Joinville no Cemitério do Imigrante em Joinville.
Fonte: Carrasco (2009).



Fotografia 9: Detalhe de elemento cruciforme, indicando a procedência “F. Siegel Schoenebeck A/E”, da Alemanha, no Cemitério do Imigrante em Joinville.
Fonte: Carrasco (2009).



Fotografia 10: Detalhe de cabeceira esculpida em arenito rosa, indicando o fabricante: “J. A. Friederichs”, em Porto Alegre, no Cemitério do Imigrante em Joinville.
Fonte: Carrasco (2009).

Além desses valores referentes à materialidade há, ainda, aqueles relacionados aos bens imateriais, de valor simbólico ligados às crenças e ao culto popular.

Segundo Mumford (1991, p. 13), desde os tempos mais remotos, o respeito do homem pelos mortos é evidente e, “em meio às andanças inquietas do homem paleolítico, os mortos foram os primeiros a ter uma morada permanente: uma caverna, uma cova assinalada por um monte de pedras, um túmulo coletivo”. E é nesse lugar que, provavelmente, o homem retornava, de tempos em tempos, para “comungar com os espíritos ancestrais”, em sinal de respeito.

Além dessa reverência aos antepassados, as crenças e o culto popular estariam ligados, também, a milagres atribuídos a determinados indivíduos que levam romarias a determinados túmulos no sentido de obter alguma graça.

Outro aspecto relacionado à imaterialidade é abordado por quem fala que a palavra cemitério está associada quase sempre à tristeza e ao sentimento de perda, mas pode estar associada, também, a adjetivos como medo, pavor e morbidez. Essa concepção, segundo as autoras, “é reforçada pelo cinema, sobretudo no gênero filmes de terror [...], bem como pela literatura” (OSMAN; RIBEIRO, 2007, p. 2). Esses ingredientes incitam o imaginário popular que criam histórias e fantasias que se transformam em lendas relacionadas aos cemitérios e que são transmitidas pelo mundo afora.

Embora façam parte do imaginário popular é preciso compreender que esses aspectos reforçam o preconceito que leva ao afastamento das pessoas dos cemitérios e, por conseqüência, ao seu abandono, transformando-os em ambientes propícios aos atos de vandalismo.

Esta situação pode ser alterada à medida que a temática é inserida nas pesquisas acadêmicas, que são de fundamental importância para o entendimento desses espaços, com abordagens que envolvam tanto a sua natureza material, quanto a sua natureza imaterial. Entende-se que essas pesquisas são de extrema relevância, pois o conhecimento é o melhor caminho para desmistificar preconceitos e, porque não, os relacionados à morte e aos espaços destinados aos cemitérios.

O turismo cemiterial e a preservação do patrimônio cultural

O cemitério é, segundo Osman e Ribeiro (2007, p. 3), “um ponto turístico consolidado nos mais diferentes países do mundo”.

Os cemitérios atraem visitantes de toda parte interessados em conhecer túmulos de personalidades das diferentes áreas do conhecimento, apreciar obras de arte que ornamentam os túmulos ou simplesmente desfrutar de momentos de paz e tranqüilidade nos jardins arborizados característicos desses locais.

Entre os cemitérios mais conhecidos dentro da rota turística pelo mundo, estão os europeus, começando pelos franceses, do *Père Lachaise*, de *Montparnasse* e de *Montmartre*; seguidos pelos cemitérios ingleses: *Highgate* e *Golders Green Crematorium*, em Londres. Na América do Sul lidera o Cemitério da *Recoleta*, em Buenos Aires, seguido dos cemitérios brasileiros, da Consolação e do Morumbi, em São Paulo e, São João Baptista, no Rio de Janeiro (OSMAN; RIBEIRO, 2007).

Dos cemitérios europeus, sem sombra de dúvida, o Cemitério do *Père Lachaise* figura como o mais requintado e mais conhecido. Fundado em 1805, o cemitério tem cerca de 70.000 túmulos, parte deles ricamente ornamentados, onde estão sepultadas personalidades ligadas à literatura, à dança, à música, à política. Entre eles estão Jean-Baptiste Poquelin, mais conhecido como Molière, Honoré de Balzac, Oscar Wilde, Marcel Proust, Isadora Duncan, Frédéric Chopin, Jim Morrison. Charlet (2003) considera o Cemitério do *Père-Lachaise*, um cemitério-jardim, aberto ao público. É, também, dos espaços verdes existentes na capital francesa, o maior e mais antigo. Para o mesmo autor, o Cemitério do *Père-Lachaise* é um cemitério-museu com as mais belas obras da arquitetura e da escultura funerária. A fotografia 11, a seguir, apresenta uma imagem desse cemitério.



Fotografia 11: Cemitério do Père Lachaise em Paris.
Fonte: Carrasco (2002).

Enquanto os cemitérios europeus já são referências para o turismo, os cemitérios brasileiros estão aparecendo, aos poucos, nos roteiros turísticos das cidades. É o caso de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, que têm programas específicos com visitas guiadas a cemitérios importantes do seu patrimônio. Os recursos de atração são os mesmos dos cemitérios já consolidados como referenciais turísticos, ou seja, obras de arte, personalidades ali sepultadas e a tranquilidade que se pode usufruir dentro do ambiente urbano.

Osman e Ribeiro (2007, p. 12) salientam a incontestável importância desses “espaços carregados de história e memória” e que o lazer e o turismo nesses locais podem significar uma forma de contribuição para a sua preservação.

Os cemitérios já são oficialmente reconhecidos como espaços importantes para construção da memória face ao tombamento, em nível nacional, de vários cemitérios brasileiros. Acontece que o tombamento é apenas um ato administrativo, um instrumento que, se não vem acompanhado de políticas públicas em prol da conservação desses monumentos, não impede o completo estado de abandono em que se encontram muitos cemitérios brasileiros.

O Cemitério do Imigrante, em Joinville, SC, é um exemplo de cemitério que se insere no caso de cemitério tombado, porém abandonado. Embora tenha tido, ao longo dos anos, ações pontuais para sua conservação⁶, encontra-se severamente danificado pela ação do tempo, mas, também, por atos de vandalismo e falta de manutenção adequada.

Trata-se de um cemitério protestante surgido com a fundação de Joinville, em 1851, na época Colônia Dona Francisca, onde estão sepultados os primeiros imigrantes vindos da Europa Central.

O Cemitério foi oficialmente fechado em 1913, com a inauguração do Cemitério Municipal, e tombado em 1962, pela então DPHAN - Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, hoje IPHAN.

VALLADARES (1972, p. 310-311) cita o Cemitério do Imigrante como sendo

um dos poucos cemitérios brasileiros erigidos no paisagismo de um bosque, conservando e cultivando árvores frondosas assim como selecionando plantas decorativas regionais.

Predominam túmulos em alvenaria com lápides de mármore. Os mais ricos se distinguem por elementos de cantaria e placas de bronze, mas em

⁶ Sobre o assunto ver Carrasco, Pereira, Silva e Carle (2006).

nenhuma se constata demasia de pomposidade.

Muitos dos túmulos são elaborados canteiros ajardinados. A topografia deste cemitério, ocupando todo o cume de um morro sem aclives, favorece grandemente o encantamento da natureza preservada.

O Cemitério de Joinville teria servido de modelo ou padrão para outros nas regiões de colonização alemã de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná.

Comparando a descrição acima com a atual situação do cemitério, em termos de conservação, vê-se que “as placas de bronze” não existem mais e “os canteiros ajardinados” desapareceram por completo, como pode ser verificado nas fotografias 12 e 13.



*Fotografia 12: Obelisco colocado no topo de cemitério, durante as comemorações do Centenário de Joinville no Cemitério do Imigrante em Joinville⁷.
Fonte: Carrasco (2009).*



*Fotografia 13: Aspecto do cemitério que tem sido uma constante nos últimos anos: túmulo e ajardinamento tomados pelo mato no Cemitério do Imigrante em Joinville.
Fonte: Arquivo fotográfico do Centro de Preservação de Bens Culturais (1999).*

⁷ As placas de bronze não existem mais.

Embora esteja inserido no roteiro turístico da cidade, não há ação diretamente relacionada para o desenvolvimento desse local como um ponto turístico. Os estudos existentes sobre o cemitério foram realizados objetivando a sua conservação e, mais recentemente, o projeto “Cemitério do Imigrante - pesquisa, interdisciplinaridade e preservação” (FONTOURA, 2007), patrocinado pela FAPESC e Fundação Cultural de Joinville e executado no decorrer de 2006, visou o levantamento histórico e arqueológico do cemitério, bem como a realização de ensaios para a conservação de objetos no resgate arqueológico e atividades de educação patrimonial, vislumbrando um futuro melhor para o cemitério. O resultado desse projeto é um relatório final com dados consistentes que podem subsidiar a elaboração de programas específicos que envolvam, de maneira sistemática, a educação patrimonial e o turismo, com vistas à sua preservação.

Ressalta-se que é de extrema importância a elaboração de planos de aproveitamento desses espaços e, que esses planos, estejam incluídos dentro das políticas públicas para a preservação do patrimônio cultural dos municípios. O problema sempre latente no Cemitério do Imigrante, em Joinville, é que as ações realizadas até hoje foram pontuais e não houve continuidade, justamente pela ausência de política pública neste sentido, que resulte num programa global de preservação, envolvendo as áreas de educação, de patrimônio cultural e de turismo.

Os atrativos turísticos

Embora não se tenha sistematizado os dados sobre as motivações turísticas para o presente artigo, pode-se considerar que os atrativos turísticos que levariam o turista visitar um cemitério seriam aqueles relacionados à busca de tranquilidade e à motivação cultural⁸.

Pelo que foi abordado, considera-se que a inserção de cemitérios num roteiro turístico parece não ser algo tão improvável, haja vista as experiências consolidadas pelo mundo afora. Nos exemplos apresentados, não há dúvidas de que o principal atrativo turístico nesses locais é o que está ligado às personalidades, seguido, das obras de arte e, por último, daquele lugar pacífico quando se quer usufruir certa tranquilidade.

A questão que se coloca é como se daria a atividade turística em cemitérios despojados desses atributos referentes às personalidades e obras de arte de renomados artistas? Os cemitérios protestantes, por exemplo, que são extremamente simples e despidos de qualquer suntuosidade, arquitetura tumular sóbria, enriquecida apenas pela vegetação que a circunda e ornamenta seus túmulos. Estes cemitérios, embora muito simples do ponto de vista da riqueza arquitetônica, artística e de personalidade, refletem um período da história de determinada comunidade, como foi dito anteriormente. Neste caso específico - dos cemitérios protestantes - é interessante perceber que até a segunda metade do século XIX, os sepultamentos ocorriam dentro ou no entorno das igrejas católicas. O imigrante quando chegava ao Brasil não tinha onde sepultar os seus mortos, tendo que criar seus próprios cemitérios. A maioria desses imigrantes era de religião protestante, logo, criaram-se cemitérios protestantes. No entanto, segundo Camargo (2006), entre esses imigrantes existiam aqueles de religião católica que não podiam ser sepultados nas igrejas, por não pertencerem às ordens religiosas do lugar, justificando a presença de católicos sepultados no cemitério dos protestantes. Este fato é facilmente identificado quando se observam as diferenças na arquitetura tumular dos católicos em relação aos protestantes. Os túmulos são mais ornamentados, com a presença de signos não verbais, como figuras de anjo, entre outros. Ressalta-se que embora sejam mais ornamentados que os outros estes mantêm a mesma sobriedade dos túmulos dos protestantes (Fotografia 14).

⁸ Essa percepção se deu por meio da literatura consultada sobre o assunto e, principalmente, pelas conversas com turistas nos cemitérios citados em períodos de grande fluxo turístico.



Fotografia 14: Cemitério do Imigrante em Joinville.
Fonte: Arquivo fotográfico do Centro de Preservação de Bens Culturais (1999).

A atratividade turística nestes cemitérios estaria, em primeiro lugar, no local para usufruir tranquilidade e paz de espírito que é propiciada pelo paisagismo. Salienta-se que os cemitérios protestantes têm como principal característica o cuidado especial com o paisagismo. A vegetação é elemento fundamental para valorização da arquitetura tumular simples e criar um ambiente aprazível. Em segundo lugar, o turista que busca esse tipo de ambiente é aquele com objetivos específicos, muitas vezes, ligados à pesquisa em diversas áreas do conhecimento, em que os cemitérios são fontes materiais de extrema riqueza que ajudam na construção do conhecimento sobre as diferentes culturas. ■

Referências

ABREU, Regina. “Tesouros humanos vivos” ou quando as pessoas transformam-se em patrimônio cultural: notas sobre a experiência francesa de distinção dos “Mestres da Arte”. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 81-94.

[ASPECTO do cemitério que tem sido uma constante nos últimos anos: túmulo e ajardinamento tomados pelo mato no Cemitério do Imigrante em Joinville, sc]. 1999. 1 Fotografia. Peça do acervo do Centro de Preservação de Bens Culturais da Fundação de Joinville.

BORGES, Maria Elízia; SANTANA, Marissol M.; BIANCO, Sabrina Del. Arte funerária no Brasil: possibilidades de interagir nos programas de ensino, de pesquisa e de extensão na universidade. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP, 13., 2004, Brasília. [*Anais eletrônicos...*]. Brasília: Universidade de Brasília, 2004. p. 192-200.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Organizado por Alexandre de Moraes. 24. ed. São Paulo: Atlas, 2005. 485 p.

BRASIL. Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa

Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, ago. 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto/D3551.htm>. Acesso em: 19 fev. 2010.

BRECHERET, Victor. *Grande Anjo*, 1938. Fotografia da escultura em granito por Sylvia Masini. [2002?]. 1 fotografia.

BUCAILLE, Richard; PESEZ, Jean-Marie. Cultura Material. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Portugal: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1989. v. 16, p.11-47.

CAMARGO, Haroldo Leitão. Santos, alemães e o cemitério protestante: colônias estrangeiras e patrimônio cultural. *Patrimônio, Lazer e Turismo*: Revista Eletrônica da UNISANTOS, Santos, out. 2006. Disponível em: <<http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/artigos.php?cod=83>>. Acesso em: 7 mar. 2010.

CARRASCO, Gessonia Leite de Andrade. *Preservação de artefatos ornamentais de ferro integrados à arquitetura*. Estudo de caso: Cemitério do Imigrante, Joinville, SC. 2009. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

CARRASCO, Gessonia Leite de Andrade; PEREIRA, Adriana; SILVA, Elisângela; CARLE, Mateus Roberto. *Cemitério do Imigrante de Joinville: a interação entre a arqueologia e a preservação*. In: ENCONTRO SOBRE CEMITÉRIOS BRASILEIROS, 2., 2006, Porto Alegre. [Anais eletrônicos...]. Porto Alegre, PUC-RS, 2006.

[CEMITÉRIO do Imigrante em Joinville,SC]. 1999. 1 fotografia. Peça do acervo do Centro de Preservação de Bens Culturais da Fundação Cultural de Joinville.

[CEMITÉRIO do Père Lachaise, Paris]. 2002. 2 Fotografias. Fotografias de Gessonia Leite de Andrade Carrasco.

[CEMITÉRIO em Estocolmo].2000. 1 Fotografia. Fotografia de Gessonia Leite de Andrade Carrasco.

CHARLET, Christian. *Le Père-Lachaise: au coeur du Paris des vivants et des morts*. Paris: Gallimard, 2003.

[DETALHE de cabeceira esculpida em arenito rosa, indicando o fabricante: “J. A. Friederichs”, em Porto Alegre, no Cemitério do Imigrante em Joinville, SC].2009. 1 Fotografia. Fotografia de Gessonia Leite de Andrade Carrasco.

[DETALHE de elemento cruciforme, indicando a procedência “F. Siegel Schoenebeck A/E”, da Alemanha, no Cemitério do Imigrante em Joinville,SC]. 2009. 1 Fotografia. Fotografia de Gessonia Leite de Andrade Carrasco.

[DETALHE de gradil, indicando o fabricante “Otto [sic]” em Joinville no Cemitério do Imigrante em Joinville, SC]. 2009. 1 Fotografia. Fotografia de Gessonia Leite de Andrade Carrasco.

[ELEMENTO cruciforme em ferro fundido do Cemitério do Imigrante em Joinville,SC]. 2006. 1 fotografia. Peça do acervo do Centro de Preservação de Bens Culturais da Fundação Cultural de Joinville.

[EPITÁFIO sobre lápide de metal do Cemitério do Imigrante em Joinville,SC]. 2006. 1 fotografia. Peça do acervo do Centro de Preservação de Bens Culturais da Fundação Cultural de Joinville.

[EPITÁFIO sobre lápide de mármore do Cemitério do Imigrante em Joinville,SC]. 1999. 1 fotografia. Peça do acervo do Centro de Preservação de Bens Culturais da Fundação Cultural de Joinville.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 56-76.

FONTOURA, Arselle de Andrade da (Coord.). *Cemitério do Imigrante: pesquisa, interdisciplinaridade e preservação: [Relatório final]*. Joinville: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Santa Catarina: Fundação Cultural de Joinville, 2007.

GIOVANNINI JÚNIOR, Oswaldo. Cidade presépio em tempos de paixão: turismo e religião: tensão, negociação e inversão na cidade histórica de Tiradentes. In: BANDUCCI JUNIOR,

Álvaro; BARRETO, Margarida (Org.). *Turismo e Identidade Local: uma visão antropológica*. Campinas: Papirus, 2001. p. 149-174.

[GRADIL em ferro forjado do Cemitério do Imigrante em Joinville, SC]. 1999. 1 fotografia. Peça do acervo do Centro de Preservação de Bens Culturais da Fundação Cultural de Joinville.

[GRANDE Anjo, Victor Brecheret. Cemitério da Consolação, São Paulo, SP]. s.d. 1 fotografia. Fotografia de Sylvia Masini. Disponível em: <http://vejasaopaulo.abril.com.br/red/fotos-e-imagens/cemiterio-consolacao/#img/consolacao-grande-anjo-de-victor-brecheret-foto-sylvia-masini.jpg>

INTERNATIONAL SCIENTIFIC COMMITTEE ON CULTURAL TOURISM. *Charter Cultural tourism*. Paris, 1976. Disponível em: <http://www.icomos.org/tourism/tourism_charter.html>. Acesso em: 19 fev. 2010.

LIMA, Tânia de Andrade. *De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade social)*. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 2, p.87-150, jan./dez., 1994.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 741p.

[OBELISCO colocado no topo de cemitério, durante as comemorações do Centenário de Joinville no Cemitério do Imigrante em Joinville, SC]. 2009. 1 Fotografia. Fotografia de Gessonia Leite de Andrade Carrasco.

OSMAN, Samira Adel; RIBEIRO, Olívia Cristina Ferreira. *Arte, história, turismo e lazer nos cemitérios da cidade de São Paulo*. *Licere*, Belo Horizonte, v. 10, n.1, p. 1-15, abr. 2007. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV10N01_a6.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2010.

RAGON, Michel. *L'espace de la mort: essai sur l'architecture, la décoration et l'urbanisme funéraires*. Paris: A. Michel, 1981.

VALLADARES, Clarival do Prado. *Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros*. Brasília: Imprensa Nacional, 1972. 2 v.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. *Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIe au XVIe siècle*. Paris: A. Morel Éditions, 1867-1870.

VOVELLE, Michel. *L'heure du grand passage: chronique de la mort*. Paris: Gallimard, 1993.

Recebido em 23.09.2009

Aceito em 06.12.2009